

## V – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como uma consequência do momento histórico atual, marcado pela instabilidade, pelas ruínas das certezas irrevogáveis e pelo processo ininterrupto de transformação, também os movimentos sociais se reconfiguram continuamente, cabendo a seus líderes e porta-vozes a difícil tarefa de conciliar diferentes indivíduos e interesses entre si, bem como com as contradições inerentes aos traços identitários que co-existem em cada um de nós.

Da mesma forma, os meios de comunicação em massa e a mídia em geral, ao mesmo tempo em que divulgam, propagam, legitimam e fortalecem, também desvirtuam, fragmentam, confundem e enfraquecem, fazendo do ambiente midiático um espaço complexo de disputa de poder e jogos de interesse.

Dessa forma, partindo do princípio de que os meios técnicos de comunicação em massa são elementos essenciais na articulação dos movimentos sociais na atualidade, compreender os mecanismos de negociação de espaço e permanência na ocupação das pautas da agenda midiática tornou-se essencial para a efetiva existência e articulação desses movimentos.

Diante disso, busquei, no estudo que ora apresento, entendimentos sobre a relação entre a performance discursiva de MV Bill - reconhecido por sua liderança e por seu discurso denunciativo das desigualdades e injustiças sociais - e sua presença permanente na agenda midiática.

Neste percurso, encontrei na articulação entre a Análise Crítica do Discurso e a Sociolinguística Interacional tanto um produtivo instrumental teórico-metodológico como também uma postura; uma perspectiva que me permitiu lançar um olhar investigador sobre meus dados propício ao meu objetivo de, através da materialidade discursiva, penetrar nos mecanismos de controle, luta e resistência que tanto promovem a estabilidade das relações de poder como abrem possibilidades de transformação dessas relações pela instabilidade que as caracteriza.

Compreendendo os fenômenos discursivos como produzidos em práticas discursivas que, por sua vez, acontecem no interior de práticas sociais, procurei levar em conta a tridimensionalidade desses fenômenos, buscando proceder a uma

análise que pudesse dar conta do nível textual em que o discurso se materializa, bem como dos níveis das práticas discursivas e das práticas sociais em que ele é produzido.

O foco dado às narrativas como critério de recorte na composição dos dados para a análise se mostrou particularmente produtivo na medida em que, ao contar histórias, MV Bill mobiliza um mecanismo poderoso de convencimento na apresentação de seus argumentos, pois, como poucos recursos discursivos, as histórias nos possibilitam (re)viver experiências decisivas de nossa vida, permitindo àqueles que ouvem nossas histórias embarcarem conosco nessa viagem ao passado (ou a um futuro (im)possível!).

Além de conduzir todos os seus interlocutores nesta viagem excitante por suas ricas experiências, ao contar histórias MV Bill se constrói como alguém credenciado pela própria vida a falar e tecer opiniões sobre fatos e situações que, na maioria das vezes, conhece bem mais do que qualquer um com quem interage. Diante disso, as histórias que MV Bill conta funcionam como estratégias mobilizadas para a se legitimar como porta-voz de grupos excluídos e vítimas da desigualdade social, ao mesmo tempo em que nos permitem observar como ele constrói sua identidade, a dos outros e a própria realidade.

Explorando o nível textual através das alternâncias pronominais observadas nos dados, pude compreender que o uso distinto dos pronomes ‘eu’, ‘nós’ e da expressão ‘a gente’ está diretamente relacionado ao processo de associação ou individualização de MV Bill em relação a grupos sociais e indivíduos que traz para sua fala. Ao falar de suas experiências pessoais, a presença do ‘eu’ é significativa quando o que ele fala está relacionado a fatos e situações que dizem respeito a sua condição e sua história de vida. Exemplo disso são as histórias que falam de sua infância pobre de morador de favela, ou da sua condição de negro. Porém, ao falar de seus trabalhos e dos projetos sociais que desenvolve, MV Bill dá preferência ao ‘nós’ e ao ‘a gente’, co-responsabilizando-se e dando maior credibilidade ao que diz, por associação à CUFA, à equipe de trabalho, aos negros, aos favelados, a todos nós brasileiros, ou a indivíduos como Celso Athayde e Eduardo Soares.

Os efeitos produzidos por esta alternância pronominal no discurso de MV Bill estão diretamente relacionados aos papéis por ele desempenhados na estrutura de participação da interação, sinalizando seu processo de construção de

identidade, bem como as relações de poder que permeiam os discursos dos participantes da interação.

É, portanto, a partir do caminho aberto pela análise das alternâncias pronominais no nível textual que as dinâmicas da ‘estrutura de participação’ e do ‘formato de produção’ se revelam no nível das práticas discursivas. Ao apresentar-se como sujeito falante singular (eu) ou, ao contrário, ao pluralizar-se nas diversas associações com outros sujeitos e grupos nas variadas possibilidades permitidas pelo uso do ‘nós’ / ‘a gente’, MV Bill articula os papéis de ‘autor’, ‘responsável’ e ‘animador’ daquilo que fala, ao mesmo tempo em que dinamiza a articulação de enquadres e, conseqüentemente, alinha-se em relação àqueles com quem interage.

No contexto deste jogo de enquadres, conforme busquei demonstrar, a interação midiática que analisei neste estudo apresenta um complexo dinamismo dos enquadres de entrevista, contação de estória e conversa informal que corroboram a observação de que o programa ‘Câmara Ligada’, dado os diferentes cenários (set de gravação, palco, auditório etc.) constitui um gênero híbrido de programa televisivo, combinando talk-show com debate televisivo e programa de auditório.

A articulação dos papéis no formato de produção da interação forneceu pistas valiosas do processo de construção de identidade de MV Bill, como na passagem em que ele se constrói como favelado. Articulando os papéis de autor e responsável, MV Bill falou pelos favelados (autor) quando descreve a reação dos empresários frente à possibilidade de apoiar ações sociais em favelas e falou como favelado (responsável) ao defender a capacidade dos moradores de favela para gerenciar recursos que financiam essas ações.

A capacidade de lidar com a complexidade do gênero televisivo da interação da qual participa, contribuindo ativamente e com criatividade para a produção da articulação de enquadres, bem como a competência com que promove as aproximações e distanciamentos de grupos sociais e indivíduos no processo de construção de suas identidades vão, no decorrer da interação, funcionando como poderosas estratégias de negociação que permitem MV Bill ocupar e permanecer na agenda midiática, bem como mitigar as contradições entre diferentes feixes identitários que coexistem nesse processo dinâmico de construção de si próprio. A justificativa de ser o que é e de estar como ou onde

está por uma causa coletiva nem sempre se mostra suficiente para conciliar harmonicamente o *rapper*, como o agente social, com o negro favelado, como o cineasta, como o escritor etc.

No nível das práticas sociais, observei nas análises que esta necessidade de negociação e a presença de mecanismos de controle na interação em ambiente midiático (interesse dos donos / mantenedores da emissora, a pauta pré-definida, o horário de veiculação do programa, o público-alvo etc.) apontam para a existência de relações de poder na cena da interação e sinalizam para complexidade do processo de construção de identidade do sujeito que participa de interações dessa natureza como portador de um discurso de resistência, denúncia e contestação.

Sendo portador de um discurso denunciativo, muitas vezes até combativo, materializado em sua fala e também em sua música, as histórias que MV Bill conta constituem narrativas de atos de resistências que contribuem para a construção dessas estratégias de negociação, na medida em que consideramos que as transformações passam a se tornar possíveis no momento em que entram em circulação histórias que desafiam os limites impostos por relações de poder assimétricas.

Neste sentido, considerar o contexto interacional aparece novamente como um aspecto fundamental nas análises das estratégias discursivas articuladas nas interações, em especial naquelas relacionadas à materialização de discursos de resistência em ambiente midiático.

Como efeito da negociação na cena de interação do ambiente midiático, ao narrar sua forma de ação de resistência, MV Bill se constrói no espaço contraditório entre o agir e o cobrar; o reconhecer e o denunciar; entre o falar deles e o ser um deles.

As identidades de líder dos grupos sociais a que pertence e a de negociador e gerenciador de seus projetos sociais aparecem em conflito em vários momentos das narrativas de MV Bill e, assim, ele segue na sua missão de ser a voz dos excluídos e de negociar. Avançando e recuando, apontando o dedo e estendendo a mão, mas se fazendo presente à mesa de negociação do espetáculo servido pela mídia.

As análises da participação de MV Bill como portador de um discurso contra-hegemônico e contestador em interação no ambiente midiático revelam a conflituosa relação da luta pela transformação social com os meios técnicos de

divulgação e propagação da agenda dos movimentos e indivíduos que lideram essa luta.

A pulverização da informação, a democratização do conhecimento e a criação de espaços alternativos de manifestação certamente contribuíram para o aumento do volume de muitas vozes antes silenciadas, mas também reconfiguraram os mecanismos de controle, agora mais sutis, mas não menos eficazes. Se ainda existem vozes que reivindicam e denunciam, é porque ainda existem injustiças. Se ainda existem injustiças, é porque ainda existem relações de poder que geram essas injustiças através de seus mecanismos de controle para a manutenção da ordem estabelecida.

Resistir é estar consciente desses mecanismos de controle para poder driblá-los e, assim, agir na luta pela transformação social. Na sociedade da tecnologia e da informação em que vivemos, resistir é, portanto, entender a mão dupla da mídia para saber a hora exata de avançar e recuar sem jamais sair da estrada.

No caminho para alcançar os objetivos deste estudo, segui a pista de que as contradições, distanciamentos, aproximações, inclusões e exclusões muito bem articulados na materialidade discursiva funcionam como estratégias de negociação de ocupação do espaço midiático que, no caso do MV Bill, parecem funcionar bem haja vista sua permanente presença na mídia e seu reconhecimento como um agente de transformação social. Mas como diz MV Bill: “tem muita munição pra quem pensa que acabou... tamo junto e misturado, a força multiplicou” (MV Bill)